



XXV Congresso de Iniciação Científica da Unicamp

18 a 20 Outubro Campinas | Brasil



Visões de mundo de Keynes e Hayek no contexto do pós-guerra

Pedro V. C. Miguel*

Resumo

O trabalho busca analisar e contrapor as Visões de mundo de J. M. Keynes e F. A. Hayek, além de compreender seu impacto no contexto do pós-guerra. O argumento central defende que as divergências teóricas entre os intelectuais têm origem num estágio pré-analítico de estudo do objeto científico, em traços da filosofia moral de cada autor.

Palavras-chave:

Keynes, Hayek, Visão

Introdução

O debate entre J. M. Keynes e F. A. Hayek está entre os principais do século XX no âmbito econômico, com impactos sobre a política econômica do período, destacando-se o recorte da Grande Depressão até os anos 1970. As divergências teóricas e normativas entre os autores, segundo este trabalho busca mostrar, têm raízes na Visão de mundo de ambos, um estágio apriorístico em relação à racionalização científica, ligado à formação filosófica e moral de cada um em seu contexto histórico e social respectivo. Enquanto na Visão de Keynes o mercado é visto como instância que fragiliza a sociedade, carecendo esta de outros meios institucionais capazes de manter sua coesão; para Hayek o mercado é, por excelência, o fruto da espontaneidade da ordem social incognoscível pela razão humana, e a única forma de sustentar uma sociedade extensiva e complexa.

Resultados e Discussão

Keynes nasceu e foi criado sob a égide do mundo vitoriano inglês, pautado pela moral rígida e pelo liberalismo econômico frugal e individualista¹. Esse mundo e seus valores entraram em decadência no século XX e foram sepultados pelos horrores da Primeira Guerra. À época, Keynes enxergava o futuro com temor², e se atém à filosofia moral de G. E. Moore, filósofo contemporâneo de Keynes em Cambridge.

A partir de Moore, Keynes criticou os valores vitorianos baseados no utilitarismo benthamita, consubstanciados numa sobrevalorização do enriquecimento material em detrimento do intelectual; valores esses que, segundo Keynes, eram responsáveis pela fragilização da ordem social e moral diagnosticada em seu tempo.

Keynes enxergava os problemas que a sociedade capitalista havia desenvolvido e o perigo representado pelos movimentos que se insurgiam contra ela, tanto à direita quanto à esquerda do espectro político³, e por isso trabalhou em alternativas reformistas baseadas em seus valores burgueses. Em sua concepção, a ciência econômica poderia ser utilizada de forma racional e consciente para moldar o futuro num determinado sentido moral, a fim de diminuir as chances de Revolução e desordem social e preservar o capitalismo⁴, mas um capitalismo reformado em que, por meios políticos, fosse possível distribuir a abundância material que esse sistema pode gerar de forma menos desigual. Nessa concepção, o problema econômico da humanidade seria superado e a maximização pecuniária

poderia ser substituída pela de estados de mente de Moore, relativos à beleza, educação e conforto, aumentando assim o valor da experiência humana e a bondade ética do universo.

Hayek, por outro lado nasceu em uma família de intelectuais de Viena e assistiu à derrocada do Império Austro-Húngaro na Primeira Guerra e, depois, à desestruturação de sua classe social pelo radicalismo político e pela hiperinflação, desenvolvendo-se como um intelectual com temor ao radicalismo intervencionista e autoritário e à inflação e com forte nostalgia da tradição⁵.

Hayek renoverá a teoria liberal com um apreço singular pela liberdade, vista como ausência de qualquer coerção sobre o indivíduo, no sentido de dominação de um homem sobre outro⁶. Em sua visão, o controle e o planejamento social são coercitivos, ao buscarem direcionar unilateralmente um conjunto de indivíduos com princípios e vontades distintos. Pensar que a sociedade pode ser moldada politicamente seria uma grande arrogância, dada a incapacidade de centralização de todo o conhecimento disponível à humanidade. A própria razão é resultado de um processo de evolução e seleção intelectual. Nesse sentido, a liberdade é um fim em si, que garante a evolução social sem necessidade de planejamento. É com essa visão que Hayek lutará durante contra o Estado previdenciário europeu constituído ao longo do pós-guerra.

Conclusões

O debate das proposições econômicas de J. M. Keynes e F. A. Hayek foi permeado pela Visão de mundo de cada autor sobre o objeto econômico, sintetizado no “mercado”. Esse estado pré-científico condicionou as análises de cada um e resultou em diferentes proposições políticas, mas ambas concretizando uma preocupação comum dos dois autores: o futuro da humanidade após o caos dos entreguerras.

Agradecimentos

Instituição de Fomento: PIBIC/CNPq

¹DOSTALER, G. *Keynes and his Battles*. Cheltenham, UK; Noerhampton, MA, USA: Edward Elgar, 2007, p. 10.

²SKIDELSKY, R. *Keynes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

³HOBSBAWM, E. *A Era dos Extremos: O breve século XX*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 122.

⁴FELDMAN, D. A. *Um ensaio sobre a relação entre economia e política no pensamento de Schumpeter, Keynes e Hayek*. Campinas, 2013, p. 100.

⁵DOSTALER G. *Le libéralisme de Hayek*. Paris : La Découverte, 2001.

⁶HAYEK, F. A. *Os Fundamentos da Liberdade*. São Paulo: Visão, 1983.